

O FUTURISMO DE OSVALDO BARBIERI, NO POEMA ÁFRICA – CALOR /SUJEIRA –LUXÚRIA

Vanessa Beatriz Bortulucce¹¹

68

RESUMO

O presente artigo apresenta algumas considerações acerca da poética de Osvaldo Barbieri (1895-1958), artista do futurismo italiano, cuja importância reside especialmente no caráter múltiplo de sua obra. Pintor, desenhista, escultor e poeta, Bot (seu codinome futurista) passou a integrar o grupo de Marinetti em 1929, e a partir deste momento realizou obras de caráter polimatérico, nas mais variadas técnicas. É, contudo, em sua experiência no continente africano, a partir de 1934, que o artista expande seu campo criativo, assumindo outra identidade e celebrando a diversidade da África em obras visuais e poemas, como por exemplo, o *Manifesto África – calor / sujeira – luxúria*, apresentado ao final deste artigo, pela primeira vez em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Futurismo Italiano; Osvaldo Barbieri; África

ABSTRACT

This article presents some considerations on the poetics of Osvaldo Barbieri (1895-1958), an Italian futurism artist, whose importance lies especially in the multiple character of his work. Painter, draftsman, sculptor and poet, Bot (his futurist codename) became part of Marinetti's group in 1929, and from the moment on he produced polymateric works of art, in the most varied techniques. It is, however, in his African experience, from 1934 on, that the artist expands his creative field, taking on another identity and celebrating Africa's diversity in visual works and poems such as the *Africa - Heat / Dirt - lust Manifesto*, presented here for the first time in Portuguese language.

KEYWORDS: Italian Futurism; Osvaldo Barbieri; Africa

¹¹ Doutora em História Social (UNICAMP). Docente do Centro Universitário Assunção – UNIFAI, Universidade Casper Líbero e Museu de Arte Sacra de São Paulo.

Oswaldo Barbieri, mais conhecido pelo acrônimo Bot (Barbieri Oswaldo Terribile), nasceu em Piacenza em 1895, e morreu em 1958, na mesma cidade. Embora seja um dos artistas mais criativos do Futurismo italiano na década de 30, sua obra é ainda pouco estudada pelos acadêmicos, e parcamente mencionada pelas bibliografias especializadas. Porém, basta um rápido vislumbre de sua produção visual e literária para que rapidamente se tome consciência de estar diante de um personagem criativo, de atividade frenética e prolífica. Artista plástico e escritor, Bot construiu uma obra complexa e múltipla, em variados suportes, que reverbera toda sua energia criativa e inovadora. Durante sua vida, notabilizou-se pelo seu envolvimento com os mais variados tipos de mídia: pintura, escultura, desenho, publicidade, artes plásticas, literatura, tipografia, design gráfico, para mencionar alguns.

Frequentou, de modo irregular, os cursos do Istituto d'Arte Gazzola em Piacenza, e em seguida, já em Milão, as aulas na Società Umanitaria e em Brera, sempre de forma descontínua. Nesses anos, sua pintura, sobretudo paisagens, desenvolve-se em um estilo que evoca o verismo e o simbolismo de fins do século XIX. Na Primeira Guerra Mundial, como outros futuristas, alistou-se como voluntário, movido pelo impulso patriótico. Em 1920 transfere-se para Gênova, onde trabalhou em vários empregos, desde envernizador até carregador no porto. Será nessa cidade que Bot irá apresentar suas primeiras pinturas.

Em 1928 conhece o Futurismo através da obra de Depero, Fillia e Prampolini, principalmente. No ano seguinte, entra no movimento quase por uma imposição de Marinetti, que ficou impressionado com um retrato sintético de Mussolini feito pelo artista. Logo, Bot ingressa no assim chamado “segundo futurismo”, e tal experiência nova lhe permite ampliar ainda mais o seu campo de possibilidades de criação. Ainda em 1929, após adotar o codinome Bot, funda em Piacenza a Central do Futurismo, e em 1930 a revista *La Fionda*. Em pouco tempo, explora uma grande variedade de linguagens e materiais: a aeropintura, com paisagens construídas a partir da síntese da sensação de voo; a esferopintura, baseada em circunferências coloridas, numa espécie de transformação do pontilhismo; a papelpintura, (*cartopittura*), uma versão *à la italiana* da *collage* cubista; a ferroplástica, assemblagem de ascendência dadaísta com inserções metálicas; a fioplástica (*filoplastica*), esculturas realizadas com fios de ferro, dotadas de um efeito gráfico e caricatural, mais do que plástico, além das montagens fotográficas, realizadas em colaboração com Gianni Croce, em que o jogo de luz e sombra anima as próprias obras, dando forma a pequenos “mundos virtuais” *ante litteram*.

A partir desse momento, Bot passa a integrar importantes exposições: na Galeria Pesaro, em Milão, participa de quatro mostras futuristas; na Bienal de Veneza, em 1930 e 1932; e também em Munique, Paris, Atenas. Ainda em 1932, e inclusive em 1933, expõe em Roma, no Espaço Bragaglia. Contudo, Bot logo percebe que o Futurismo coloca-o numa espécie de “camisa de força”, confinando seu trabalho, numa clara tensão entre os propósitos do movimento e os desejos e projetos do artista. Marinetti, acusando Bot de misturar obras “passadistas” com obras futuristas, retira seu apoio a Bot em 1934. Neste

interim, Italo Balbo, no mesmo ano, convida o artista para encontrá-lo na Líbia, permitindo, assim, que a arte africana se apresente a este. No continente africano, faz telas, gravuras, escreve poesias e participa de exposições.

Ao retornar para a Itália, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, Bot abandona o impulso militarista para representar, de modo contundente, os horrores do conflito em uma série de paisagens desoladoras e de doloridas colagens metálicas. No pós-guerra, o artista está dividido entre retomar sua pesquisa futurista ou envolver-se com as experiências realistas e neoexpressionistas. Opta a isolar-se no campo, pintando paisagens melancólicas. Morreu na pobreza, em 1958.

Apesar de sua vasta e diversificada obra, o que nos interessa, neste artigo, é a relação que o artista estabelece com o continente africano, a partir de 1934. Relação especial, esta, para a história do próprio Futurismo, que não encontrou em suas fileiras um artista tão envolvido com a África quanto Bot. Muitos dos escritores modernistas italianos do início do século XX nasceram ou viveram na África. O continente representava, para os italianos, um espaço *tabula rasa*, onde os escritores poderiam projetar suas fantasias e suas ideias de modo mais livre. Após a ascensão de Mussolini ao poder, em 1922, a África também serviria, para muitos, como uma terra de exílio e escapismo, longe do controle fascista.

O continente, de fato, participa da história da Itália, e do próprio Futurismo: Marinetti nasceu em Alexandria; o enredo de *Mafarka, o Futurista*, obra escrita por ele em 1909, desenvolve-se em uma África imaginária; foi correspondente de guerra na Líbia, por ocasião do conflito entre turcos e italianos; escreveu, juntamente com outros artistas do Futurismo, o manifesto *Arte Africana*, dentre outras atividades. Este microcosmo é fruto do que acontecia na Itália da época, estendendo-se a todo o continente europeu: a batalha imperialista por espaços africanos. A defesa de um “Império italiano” levou a conquista de territórios como a Etiópia (a guerra entre Itália e Etiópia nos anos de 1935 e 36 foi uma das guerras coloniais mais sangrentas), Somália, Eritreia e Líbia; a expansão do poderio da Itália seria defendido ferrenhamente por muitos futuristas.

Apesar do desejo de muitos artistas e escritores italianos em representar a África como um mundo exótico e primitivo, existem interessantes relações entre o país europeu e o continente africano, nem sempre percebidas num primeiro olhar. Após a unificação no século XIX, os italianos se esforçaram para se apresentar como uma cultura completamente europeia, reprimindo o que a pesquisadora Giuliana Minghelli chama de “a África na Itália” (PERLOFF-GILES, 2010). A Itália, especialmente o sul do país recém-unificado, era tradicionalmente vista pelas outras nações europeias como um local “primitivo”, barbárico e deste modo inferior, assim como a África, guardadas as devidas proporções e particularidades históricas. O país, associado ao passado da humanidade, à glória de um Império da antiguidade, aos tesouros artísticos e às nostálgicas ruínas, é visto, no século XIX, como o “túmulo da arte”, em oposição e contraste com a Europa “civilizada”. Esse cenário foi o grande estímulo para as palavras de Marinetti em 1909, no texto que inaugura o Futurismo nas páginas do jornal *Le Figaro* (sem dúvida, uma estratégia de marketing que escancara a necessidade marinettiana de incluir seu país no circuito moderno

internacional, o que se traduzia, na época, em Paris). Ter a consciência de que a Itália era vista pelo seu próprio continente como uma nação “atrasada” e “primitiva” fez com que os futuristas italianos, de modo irônico, recuperassem e valorizassem tanto o sul da Itália quanto sua africanidade. Ao mesmo tempo, os futuristas expuseram a barbárie e a civilização na modernidade orientada pela tecnologia como duas faces da mesma moeda.

A isso se acrescenta o forte interesse da Itália pela África, tanto por razões econômicas quanto pela necessidade de “praticar um colonialismo”, visto pelas nações imperialistas da Europa como uma condição *sine qua non* para a participação nas decisões europeias, bem como para reforçar e legitimar a identidade nacional. No caso italiano, as escavações arqueológicas realizadas na África no início do século XX, que trazem à superfície as ruínas romanas, servem como justificativa irrefutável para que o país europeu estabeleça uma relação entre suas atividades colonialistas com a glória do Império Romano.

Essa narrativa mítica motivou os italianos não a desenvolver bases militares na África, mas sim a construir estradas, escolas e hospitais nas regiões dominadas. Essa colonização de certo teor romântico e que foi excluída do debate acadêmico, impregnou-se no imaginário de alguns italianos como uma “bela aventura”, carregada de nostalgia.

Mas o que significa a África, para Bot? Antes de 1934, o artista está envolvido com a temática da máquina, tão cara aos futuristas, e a linguagem do design gráfico. Em sua produção predominam obras tipográficas e literárias, que partem de um fascínio pela obra de Fortunato Depero e antecipam soluções próprias do design gráfico moderno, propondo conexões originais entre a poesia visual, o caligrama e as técnicas publicitárias. Bot também manifesta um profundo interesse pela paisagem, que de certa forma é o fio condutor de toda a sua produção artística: está presente desde as suas telas de orientação acadêmica até às suas aeropinturas, que refletem uma pincelada que remete a Balla e a Tullio Crali. Para Bot, importa mostrar a paisagem a partir do ponto de vista do piloto de avião, do automobilista, do condutor de bondes, do maquinista de trem. Trata-se, portanto, de um olhar sobre a paisagem a partir de uma experiência interativa do homem com a máquina.

A vivência na África expande e enriquece o campo criativo de Bot, que celebra o “nascimento” de Naham Ben Abilâdi, seu *alter ego* africano, nome usado para assinar pinturas e poesias que, não sem ironia, jogam com os clichês do orientalismo e da arte colonial. O seu já existente interesse pelo *Objet trouvé* se enriquece com elementos oriundos da arte local, chegando à criação de obras de perfil totêmico; é neste período que funda a Revista *África (Affrica)*, de número único, em maio de 1935. Também escreveu o livro *Pinceladas sobre a África (Pennellate sull’Affrica)*, em 1940. É o autor de poemas, dentre os quais o *Manifesto África – calor/ sujeira – Luxúria (Affrica – Calore / Sudiciume – Lussuria)*, traduzido por nós ao final deste artigo, bem como o autor da imagem da capa, na qual demonstra seu domínio da linguagem publicitária e tipográfica.

O *Manifesto África – calor/ sujeira – Luxúria* exalta o continente africano com afeto, porém de forma impiedosa. Bot descobre um profundo fascínio pela África, a tal ponto de pensar na criação de uma

espécie de “futurismo africano”, produzindo obras e apresentando-as sob o novo codinome, criando uma identificação bem mais profunda daquela restrita a apropriações estilísticas superficiais ou do habitual paternalismo colonial.

No texto breve do poema, o autor declara o seu amor ao continente africano, elencando os motivos que justificam tal sentimento. Como um homem cansado da vida das grandes cidades, Bot inveja muitas das características que ele atribui aos negros: o contato próximo com a natureza (“Africanos, amo vocês, pois vocês são negros, nus, sujos; vocês foram criados como a terra ardente; como a natureza selvagem vocês cresceram”); a liberdade de vestimenta, distante das burocracias da Europa (“[...] vocês não foram criados com a tortura do colarinho engomado, do nó da gravata, das luvas amarelas, dos sapatos apertados”); exalta o privilégio dos africanos em não possuir “grades, trancas, cofres”, o que faria com que aqueles não tivessem consciência de suas idades.

A racionalização do tempo, das tarefas, das ideias, é algo que Bot parece não perceber na África; aqui, ele parece encontrar uma espécie de “paraíso perdido”, uma recuperação do “encantamento do mundo” que Weber afirmou ter perecido no capitalismo ocidental. Neste sentido, o autor do poema alinha-se com o pensamento de muitos de que a África é a “terra da infância”, pois, livre das burocracias do ocidente, seria a terra das doçuras, povoadas por pessoas “puras e ingênuas”, cuja linguagem também é simples e inocente (“Africanos, eu os invejo, pois na sua linguagem, simples e incisiva, não possuem as nossas afetações; com o Grande Chefe ou com o mendigo, vocês usam o Tu”). A inocência dos africanos também é percebida na naturalidade com que encaram a nudez, diz o autor: “Africanos, eu os admiro, porque vocês combatem com a arma corajosa que é a lança, porque lutam corpo a corpo, nus, com o Rei do deserto”.

Bot reforça a visão romântica que os europeus construíram acerca de qualquer geografia que não fosse a de seu continente, como terras “exóticas”, “pitorescas”, cenários de aventuras, caças e “mistérios” de todo tipo (“você é a terra do risco, do sacrifício, da aventura” [...] “você inspira, seduz, mata”). A última frase do poema expressa a visão nacional do colonialismo (“África, te amo, porque com você se sente a grandeza da pátria” – cabe mencionar que Bot realizou muitas obras que homenagearam Benito Mussolini).

No poema de Bot, a aparição desta África estereotipada (resumida no título do poema por três palavras: calor, sujeira e lúxúria), construída a partir das teorias oriundas das mais perversas análises acadêmicas do século XIX, que legitimavam dominações, assassinatos e desigualdades através de um torpe “darwinismo social”, acaba por se transformar no refúgio do artista, o espaço onde seria possível viver dionisiacamente, abstraído de todas as normas e regras, onde o artista não seria mais futurista, não seria mais um anônimo nascido em Piacenza, não seria nem mais Osvaldo Barbieri, nem menos Bot. Poderia, talvez, na África, onde era possível assumir uma nova identidade, fazer arte a partir do zero, abolir as regras dos movimentos artísticos, escapar das convenções, escapar até mesmo do “primitivismo” como estilo, tão em voga na assim chamada Arte Moderna. Neste sentido, Bot distancia-se de Picasso e

aproxima-se de Gauguin, embora nem um, nem outro, possam resumir a experiência do artista-viajante que decide viver fora da Europa.

Na sua pesquisa irrequieta e caótica, Bot manteve a própria liberdade de envolver-se com aquilo que, de quando em quando, o fascina na arte na vida. De fato, Osvaldo Bot foi um futurista “atípico”, no sentido de que se mostrou refratário a qualquer manifesto artístico ou pertencimento a qualquer corrente, característica que distingue a arte contemporânea das vanguardas do século XX.

* * *

73

MANIFESTO

ÁFRICA – CALOR

SUJEIRA – LUXÚRIA

África, te amo.

Te amo, porque você é a terra do risco, do sacrifício, da aventura.

Te amo, porque você inspira, seduz, mata.

Africanos, amo vocês, pois vocês são negros, nus, sujos; vocês foram criados como a terra ardente; como a natureza selvagem vocês cresceram.

Africanos, eu os invejo, pois na sua linguagem, simples e incisiva, não possuem as nossas afetações; com o Grande Chefe ou com o mendigo, vocês usam o Tu.

Os invejo, pois vocês não foram criados com a tortura do colarinho engomado, do nó da gravata, das luvas amarelas, dos sapatos apertados.

Africanos, os invejo, pois vocês não se dão conta de suas idades, pois nas suas aldeias vocês não têm grades, trancas, cofres.

Africanos, eu os admiro, porque vocês combatem com a arma corajosa que é a lança, porque lutam corpo a corpo, nus, com o Rei do deserto.

África, te amo, porque com você se sente a grandeza da pátria.

REFERÊNCIAS

GAZZOLA, Carlo, ET alii. *BOT (Osvaldo Bot)*. Milano: Silvia Editrice, 2011.

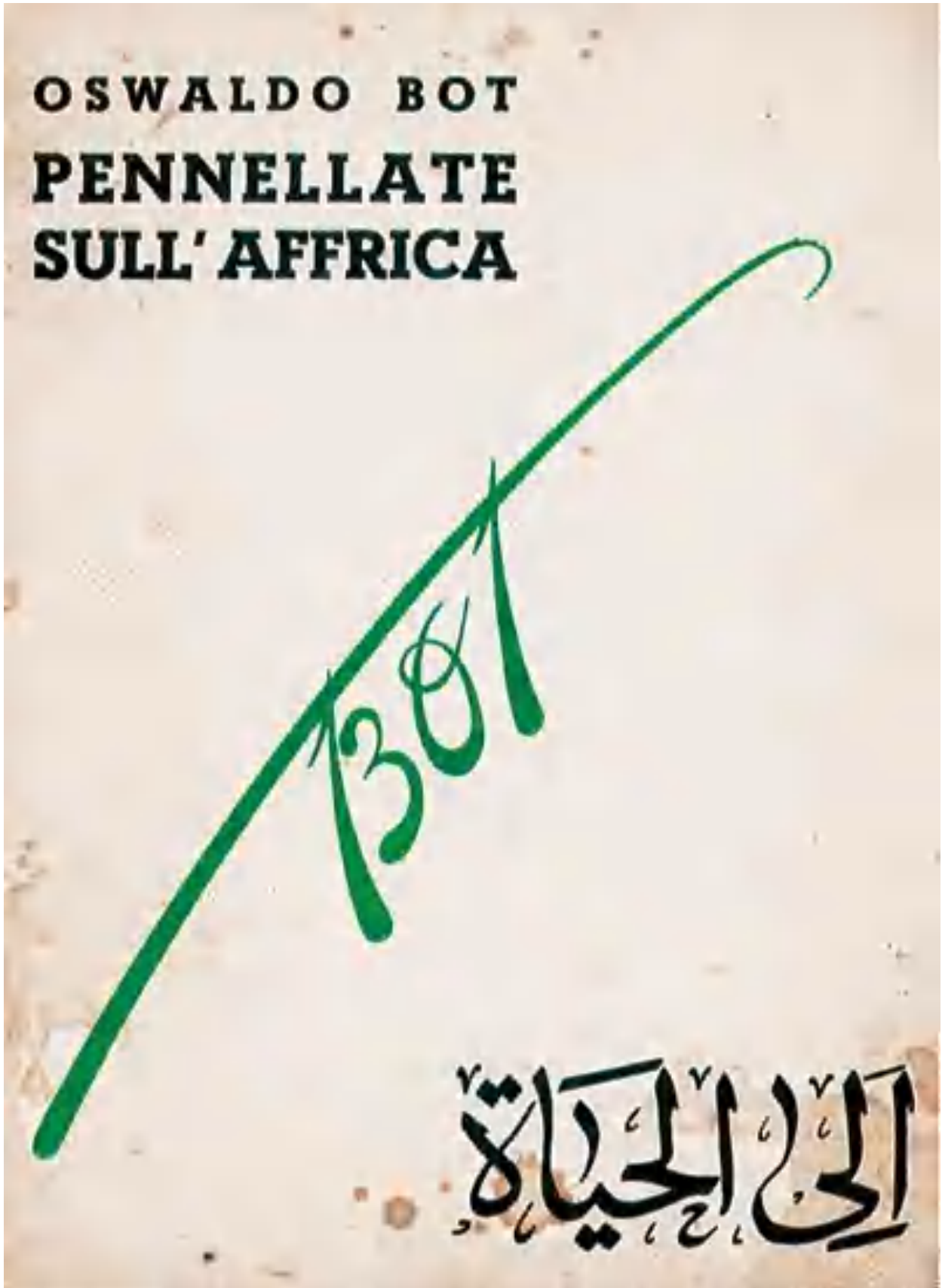
HERNANDEZ, Leila M. G. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LISTA, Giovanni. *Le Futurisme- création et l'avant-garde*. Paris: Les Éditions de l'Amateur, 2001.

PERLOFF-GILES, Alexandra. “Italy and Africa, entwined”. *The Harvard Gazette*, 2010. Disponível em <<https://news.harvard.edu/gazette/story/2010/12/italy-and-africa-entwined/>> Acesso em março de 2019.

SALARIS, Claudia. *Riviste Futuriste - Collezione Echaurren Salaris*. Roma: Fondazione Echaurren Salaris, 2012.

SARTORI, Andrea. “La liberta di un futurista senza manifesti: Osvaldo Bot a Piacenza”. *Minkiarte*, 2015. Disponível em <<https://minkiarte.com/2015/09/21/la-liberta-di-un-futurista-senza-manifesti-osvaldo-bot-a-piacenza/>> Acesso em março de 2019.



M A N I F E S T O

A F F R I C A — C A L O R E
S U D I C I U M E — L U S S U R I A

Affrica, ti amo.

Ti amo, perchè sei terra del rischio, del sacrificio, dell'avventura.

Ti amo, perchè ispiri, seduci, uccidi.

Affricani, vi amo, perchè siete neri, nudi, sudici; come la terra bruciante vi à creati, come natura selvaggia vi à cresciuti.

Affricani, vi invidio, perchè nel vostro linguaggio, semplice e incisivo, non avete le nostre leziosaggini; col Gran Capo o con l'accattone, usate il Tu.

Vi invidio, perchè non vi siete creati la tortura del colletto inamidato, della cravatta scorsoia, dei guanti gialli, delle scarpe callifore.

Affricani, vi invidio, perchè non tenete il conto della vostra età, perchè nei vostri villaggi non avete le inferriate, i catenacci, le casseforti.

Affricani, vi ammiro, perchè combattete con l'arma coraggiosa: la lancia, perchè lottate a corpo a corpo, nudi, col Re del deserto.

Affrica, ti amo, ti amo perchè con te si sente la grandezza della Patria.